

tribuna da CIDADE

POR LUIZ ESTEVÃO



Diretor-superintendente do Grupo OK

Samambaia e os mitos

Durante anos o problema das invasões e da favelização do Distrito Federal foi objeto de intermináveis discussões acadêmicas, de medidas paliativas — e de violência. Enquanto isso, aumentou sem cessar o número de famílias morando em fundos de quintal, em barracas de lona plástica, embaixo de viadutos e às margens das grandes avenidas.

O pressuposto básico foi sempre o de que o morador em invasão era uma espécie de marginal, incapaz de produzir para si mesmo e menos ainda para a sociedade. Devia ser tratado com os rigores da lei. Ficaram na memória da cidade os conflitos que, periodicamente, colocavam de um lado o Governo do Distrito Federal e a polícia e do outro os invasores de áreas urbanas.

Pouca gente se deteve na análise das verdadeiras causas do problema. O fenômeno da urbanização é antigo e continua se acentuando em todo o país. Os fluxos migratórios são contínuos e demandam sempre os grandes centros, onde se presume estejam as melhores oportunidades de trabalho e de vida. O empobrecimento do País agravou este processo. A diferença é que aqui, ao lado das oportunidades de trabalho, há uma crítica escassez de moradias. O projeto urbanístico da Capital não prevê a venda de pequenos lotes destinados à população mais pobre.

O assentamento de Samambaia revelou importantes verdades. Merece a atenção dos estudiosos e, principalmente, a reflexão dos governantes. Primeiro porque os lotes foram entregues apenas semi-urbanizados, isto é, só com as ruas terraplanadas, os chafarizes e a rede elétrica instalados. Não havia programas de financiamento para as construções, não houve campanhas beneméritas e, sobretudo, não houve burocracia nem papeladas para construção de moradias.

Um ano e meio depois, as edificações se multiplicam e surgem lojas de comércio. A comunidade, por seus próprios meios, ergue uma cidade. A maior parte das construções é de alvenaria e algumas têm dois pavimentos.

A população que fez Samambaia demoliu alguns mitos, principalmente o de que o invasor era um peso para a sociedade, incapaz, improdutivo, sem condições de participar do processo econômico. Samambaia é hoje um organismo vivo, palpitante, uma demonstração de que as pessoas não estão em busca de caridade. Ao contrário — elas só querem uma oportunidade.